

«O mundo está cheio  
de gente de talento  
que não sabe como  
deve pensar.

VOLTAIRE

ANO V — N.º 129

AGOSTO

18

1 9 5 7

AVENÇA

**A Voz de Loulé**



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.  
Telefone 154 F A R O

DIRECTOR  
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
GRAFICA LOULETANA  
Rua da Carreira, 42-44  
Telefone 216 LOULÉ

## A ESCOLA TÉCNICA DE LOULÉ

**vaí ser uma realidade  
e em breve será construído um edifício  
de oito salas para o ensino primário**

Temos o prazer de informar que Sua Excelência o Sr. Ministro da Educação Nacional aprovou o projecto para a construção de um edifício escolar com 8 salas de aula, integrado no Plano dos Centenários e que vai ser publicado o decreto que cria, nesta vila, a escola técnica já prevista em diploma anterior.

Para esse efeito, e a fim de tratar das possibilidades da instalação provisória com vista a permitir o funcionamento da nova escola já no próximo ano lectivo, esteve há dias em Lisboa o dedicado vice-presidente do município, que nos transmitiu esta jubilosa notícia.

A escola técnica é, de há tempos a esta parte, uma das mais ardentes — ardentes e legítimas — aspirações de Loulé e a ela temos dedicado, desde sempre, o maior interesse, quer em trabalhos da redacção quer em substanciais artigos dos nossos prezados colaboradores, dos quais destacamos o Dr. José

*José João Ascensão Pablos*

A fim de tratar de assuntos de grande importância para o progresso do nosso concelho, deslocou-se a Lisboa, o sr. José João Ascensão Pablos, Vice-presidente da Câmara Municipal de Loulé, acompanhado dos srs. Drs. António Joaquim de Almeida e Manuel Mendes Gonçalves, respectivamente Secretário e Vereador da Câmara.

No próximo número publicaremos uma extensa entrevista concedida ao nosso redactor sr. Luís Sebastião Peres pelo Vice-presidente da Câmara em exercício, na qual são focados, com clareza, os mais importantes problemas da nossa terra.

## Mulheres de hoje...

Desde que me entendo que conheço a mulher fumando, o que significa que a mulher tem levado o século XX a fumar.

Simplemente até ao quarto de século o fumo era uma necessidade. Depois passou a tornar-se um snobismo. Deste modo, a mulher que fuma passou do charuto de pica, de travo a mala-gueta, ao «Chesterfield» de sabor egípcio.

Algumas vezes já, tenho transigido na minha bolsa... de tabaco, do «Definitivos» para o «Vigero», apeteço pela mulher, sacrificando o útil ao agradável, em prejuízo do agradável e do útil do meu modesto cigarro.

O tabaco tem trezentos anos; a mulher apenas vinte e cinco, cinquenta, quanto muito... Quando surgiu, das Antilhas o tabaco passou a ser condenado aos homens, que não abdicaram nunca do seu prazer, tal como o condenamos, hoje, ao procedimento da mulher, que não o poupa ao «auto de fé» do seu snobismo caro... Porém, entre as duas espécies de fumadores há uma espécie de abismo que convém citar: Nós comemos o tabaco, fazemos dele «smocking» quase, aspiramos o seu fumo numa cilindrada

viciosa de 300 c. c., capaz de gerar 300 H. P. Elas, não têm cilindrada, não aspiram, não sabem saborear um cigarro. O «Lucky Strick» sal-lhe das mãos como a escrita da pena de um colegial iniciado, borrado de baton. Mal aspiram, e vêm logo o escape... Produzem apenas o trabalho de pagar os «Decas», que queimam, sem rendimento térmico...

Vem tudo isto a propósito do despropósito dessas mulheres que fumam — armadas em chaminés de cidade industrial. De dizer que é feito uma mulher fumar, tão feio que antigamente apenas a Maria da Graça tinha cinzeiros... na poesia de Augusto Gil, mas não fumava...

A mulher está longe de ser coeva de Jean Nicot. Queima tabaco por snobismo e o tabaco deixa-se arder fiel à «Tabaqueira». Arde sem apólice — sem seguro contra todos os riscos... e contra todas as boas normas...

Para se completar o «homem» que deseja ser, a filha de Eva, depois dos cabelos curtos, do «short» e do casaco alfaletizado tinha de fumar para ser promovida a «Maria-rapaz».

(Continuação na 3.ª página)

## Em louvor de Loulé

Não está no nosso ánimo a louvaminha, o elogio exagerado ou a crítica tendenciosa. Falamos ou escrevemos com sinceridade, só dizendo aquilo que verdadeiramente sentimos, sem pretendermos agradar a gregos ou a troianos, porque o fazemos desinteressadamente, com o intuito, apenas, de focar aspectos de interesse.

Somos algarvios — cem por cento — conhecemos alguma coisa da Província, sentindo por ela aquele enternecimento e aquela adoração que se dedica às pessoas ou coisas mais da nossa predilecção.

Sem exagerado bairrismo ou regionalismo, o Algarve para nós está em primeiro lugar no nosso coração. Falar dele é para nós um motivo de satisfação, por encontrarmos sempre, em todos os recantos e lugares, um motivo para nosso orgulho de algarvios.

Conhecemos, diziamos nós, quase todo o Algarve — e não dizemos todo porque seria exagero — e dentre as suas terras, uma das que mais nos impressionou agradavelmente, foi Loulé, terra de grandes tradições, pátria de grandes

### Esplanada de Quarteira

Desde 10 de Agosto que a Esplanada de Quarteira vem proporcionando aos seus «habitantes» animados bailes, cujo brilhantismo é em grande parte devido à actuação da esplendida Orquestra Pax-Júlia, de Beja.

Quer nas matinées, em que a assistência é mais heterogénea, mas nem por isso menos exigente, quer nas solréas em que a frequência já é mais selecta, há sempre da parte dos componentes desta Orquestra a preocupação de agradar, o que aliás conseguem facilmente, mercê de um escolhido repertório, primorosamente executado com um entusiasmo e vibração que contagiam o público, que todas noites enche a Esplanada, proporcionando-lhe horas de boa disposição e alegria.

### Divida de gratidão

É sob a mais pungente e viva emoção, com o coração alanceado pelos mais dolorosos sentimentos que vimos às colunas da «A Voz de Loulé», neste momento profundamente triste em que o nosso espírito, arrastado a evocar recordações dos tempos que passaram, a concentrarmos silenciosamente na profundidade da saudade, do que a expandirmos em manifestações que nunca logram traduzir, em toda a sua clareza e em toda a sua verdade, o sentimento que as inspira.

É decorrido um ano sobre a morte do Dr. José Bernardo Lopes, é o tempo e os acontecimentos, essas bocas eloquentes, sempre cheias de verdade e justiça, falam reconhecidas e com saudade do homem que, seguindo um caminho traçado, não precisou de estímulo alheio nem de ruído à sua volta para ser ilustrado, preferindo sempre a modestia e o silêncio, virtudes que lhe vinham da alma, para somente se dedicar à sua profissão de médico, aos seus doentes.

Quiz o acaso (quantas vezes ele é caprichoso) que nos encontrásemos com um grupo de conterrâneos chegados nesse dia da terra e que logo se referiram à homenagem devida ao Dr. Lopes, aquele a quem os louletanos tanto e tanto ficaram a dever, fazendo sentir ao mesmo tempo a necessidade de agitarmos o assunto, a campanha a favor do monumento a erigir em sua memória. Agradecemos tão elevada honra. Mas, apesar do nosso nome ser humilde para que lhe se-

(Continuação na 4.ª página)

homens públicos e lendária Vila onde Ataíde de Oliveira tem um momento dedicado ao trabalho que desenvolveu, contando-nos as suas tradicionais lendas e costumes.

Loulé é portanto uma terra que vive no nosso coração e que apreciamos como uma das mais castiças do Barlavento Algarvio!

Situada à beira serra, de longe bafejada pela briza marítima, não tem a característica das terras da beira-mar, mas, por isso mesmo tem uma personalidade diferente.

O seu aspecto causa no logo agradável impressão, ao percorrermos a sua magestosa Avenida, os seus Largos ajardinados e as suas Ruas tor-

(Continuação na 3.ª página)

## Jogos Florais da Praia de Albufeira 1957

Promovidos pelas Comissões da «Sopa dos Pobres» e das «Senhoras de Caridade» de Albufeira, vão realizar-se no Cine-Pax, na noite de 26 de Agosto os «Jogos Florais de Albufeira», a que podem concorrer todos os poetas e prosadores portugueses.

### REGULAMENTO

1.º — São admitidos os seguintes géneros: Conto, Poesia obrigada a mote, poesia lírica, soneto e quadra popular.

2.º — Os originais, que serão dactilografados e em duplicado, deverão vir assinados com um pseudónimo que também será apostado na parte exterior de outro envelope devidamente lacrado, dentro do qual se contenha o verdadeiro nome do autor.

O conto não deverá exceder quatro folhas de papel de máquina dactilografadas a dois espaços.

3.º — Cada concorrente não poderá apresentar mais de três produções de cada modalidade.

4.º — A entrega dos trabalhos, que devem ser inéditos, far-se-á até ao dia 22 de Agosto e deverão ser endereçados à «SOPA DOS POBRES DE ALBUFEIRA», com a indicação «JOGOS FLORAIS».

5.º — Os prémios são constituídos por flores de ouro e prata e por diplomas de honra, cabendo a cada modalidade um 1.º prémio (flor) e quatro diplomas.

6.º — O mote a glosar é constituído pela seguinte quadra do insigne poeta algarvio BERNARDO DE PASSOS:

*Teu amor foi como a onda  
Que morreu nos areais...  
Foi como a nuvem que passa,  
— Que passa, e não volta mais!*

## Concurso literário em QUARTEIRA

A Junta de Turismo da Praia de Quarteira vai promover um concurso literário e musical para a obtenção da letra e da música da Canção da Praia de Quarteira, a fim de ser gravada e poder deste modo fazer-se a propaganda da nossa Praia e das suas belezas.

São estabelecidos dois prémios: o literário, no valor de 500\$00 e o musical, no valor de 1.000\$00.

A composição poética deverá ser constituída por 2 «couplets» e 1 refrain, os

(Continuação na 3.ª página)

## Loulé vai ter

**a sua Escola Técnica  
Pelo Dr. Manuel Mendes Gonçalves**

Quando na passada segunda-feira, acompanhámos os srs. Vice-Presidente e Secretário do nosso município a Lisboa a fim de indagarmos da viabilidade da nossa escola técnica, num futuro próximo, estávamos longe de imaginar da agradável surpresa que nos aguardava: Sim, é verdade, não nos passara pela mente que tal realidade fosse quase um facto consumado. Foi pois com indistritível satisfação que do Senhor Director Geral do Ensino Técnico, a cuja presença nos acompanhou o ilustre louletano sr. Dr. José António Madeira, ouvimos a afirmação de que a Escola Técnica de Loulé seria uma realidade um futuro tão próximo quanto permitam as possibilidades do município, na aquisição de instalações convenientes ao seu funcionamento. Para quem, como nós, tem acompanhado algumas demarques e se apercebeu dos esforços desenvolvidos pela Câmara, desde há alguns anos, com vista à consecução de melhoramento tão valioso para a nossa terra, calava fundo tal notícia que naturalmente encheu de júbilo

aquela reduzida embaixada, tocada de entusiasmo quase eufórico por ver finalmente satisfeita uma aspiração de Loulé, relembrada ao Senhor Ministro da Educação Nacional, não há ainda dois anos.

Pelo que então ouvimos aquele membro do Governo pensámos que viria longe o dia da satisfação de tal necessidade. Felizmente não aconteceu e, desta vez, sobram razões de gratidão ao poder central pela prontidão com que foi atendido este pedido, aliás justo. Bem haja, pois.

Cabe à Câmara Municipal o encargo de arranjar instalações adequadas, visto o seu funcionamento ser função daquela.

É de crer que, atendendo aos seus encargos normais e às gigantescas realizações em vista, nomeadamente a electrificação do concelho, encontre algumas dificuldades, contudo, o brio e o amor à sua terra da gente de Loulé, não deixará de acudir mais uma vez ao apelo da sua ajuda para um Loulé melhor. Ai fica a sugestão de um município.

### TEMAS SOCIAIS

## O galano, o cigano e o baloteiro

Esta trindade de parasitas tem uma psicologia muito própria e diferente do comum das gentes.

Para o gatuno o trabalho é um oprobrio, não dá honra, é um castigo imposto desde a infância ou da adolescência até à velhice. Trabalham só os imbecis, os desprovidos de espírito inventivo, fálhos de imaginação, minguaos de espírito de efabulação que lhes permita viver no melhor dos mundos, gosando a plenitude de todos os prazeres, sem gasto de esforço físico ou intelectual. Para o gatuno o trabalho pertence aos outros, os seres inferiores que a natureza criou, que não a ele que é ente superior e melhor dotado, devendo por isso receber tributo e vassalagem de todos os demais seres existentes.

Consequentemente, pas-seia a sua olimpica ociosidade por todos os lugares da terra, dando-se ares de grande senhor, aspecto de pessoa importante e entendida, aproveitando-se, mal pode, de qualquer descuido ou distração das pessoas de boa fé, para fazer mão baixa do produto do trabalho alheio, contando que o possa fazer sem testemunhas, ou de qualquer circunstância ocasional em que o detentor da riqueza esteja tranqüilo julgando estar entre pessoas honestas. Quando se aproveita destas circunstâncias mostra-se muito amável e compreensivo, mas vai ficando com o objecto furtado,

alegando honestos propósitos de restituição, até que aproveite qualquer descuido, que então passa de humilde a soberbo e ostenta toda a sua maldade e ruim condição.

Continua impávido a sua vida de latrocinio à espera que caia qualquer desprevidido e deste modo vai vivendo sem trabalhar, sem contribuir para a riqueza da sociedade, sem produzir nada de útil, tão somente explorando o meio em que vive e

(Continuação na 4.ª página)

### Cartas ao Director

## QUARTEIRA

Ex.ª Senhor Director  
de «A Voz de Loulé»

Por ser dia feriado, fui na 5.ª feira à praia de Quarteira e pretendi proporcionar à minha família uma pitoresca e apetitosa sardinada em plena praia, por me parecer ser o lugar mais propício para o fazer. Claro que escolhi a zona da praia em que isso sempre tem sido permitido.

Fiquei, porém, surpreendido com a informação da autoridade local de que a partir daquela data não era permitido fazer fogo na praia. E fiquei surpreendido principalmente porque não compreendo o mal que isso possa fazer, nem vejo a quem isso possa prejudicar.

Será porque a praia fica suja? Mas a autoridade podia

(Continuação da 4.ª página)

19 AGO. 1957



ANO I  
N.º 18  
18 AGOSTO  
1957



Correspondência  
para  
**Casimiro de Brito**  
Rua Bocage, 140  
FARO

# ÂNGULO

CRÍTICA E DIVULGAÇÃO CINEMATOGRAFICA

Ao iniciar-se esta nova secção no PRISMA não é talvez necessário marcar o rumo que me proponho seguir. Falar de cinema, dessa Arte maravilhosa que apesar dos seus escassos 60 anos está perfeitamente integrada e considerada na nossa vida moderna, é falar sobre um assunto que interessa a gregos e troianos.

Deste modo, acho perfeitamente normal o dizer apenas que, nesta secção, a que chamei ÂNGULO, será focado o cinema — isto é, as obras que o constituem, os problemas que desperta, possivelmente alguns elementos de iniciação técnica e histórica, enfim, será uma secção de crítica e divulgação cinematográfica.

Começarei por me referir a alguns filmes recentes, que, por motivos diversos, não convém deixar passar em claro, apesar de tudo o que não está certo...

Assim, atenção para:

NOSSA SENHORA DE PARIS — de Jean Delannoy

Nossa Senhora de Paris é um grande-pequeno filme de Delannoy. Grande apenas na espectacularidade de certas cenas, nos milhões consequentemente gastos, no número de figuras utilizadas, etc. Pequeno porque Delannoy é um realizador que cantou com o público uma dívida muito grande — a dívida artística. Um realizador que nos presenteou com *Regresso Eterno*, *Deus precisa dos homens* e *A Hora da Verdade*, não devia assinar esta NOSSA SENHORA DE PARIS, muito aquém das suas reais possibilidades.

Esta película criou uma barreira, ou uma série de barreiras, que não podem existir no cinema, essencialmente arte franca, aberta: barreira entre o público e a fita; barreira entre as próprias cenas do filme; barreira entre os intérpretes, até.

No entanto o romance do grande Vitor Hugo é um ótimo tema. Talvez por ser um grande tema, eclipsou um pouco esta obra... No entanto, os que viram a versão americana, com Charles Laughton e Maureen O'Hara, dizem-nos que a distância entre as duas é enorme.

... Será que Delannoy se embaraçou com a enormidade da obra literária? Será que Delannoy não dirigiu à sua plena vontade o seu filme? (Na América é que isso costuma acontecer!...)

Da interpretação, urge acrescentar que Lolobrigida não é ainda a artista consciente e à altura de obras desta natureza (curvas não bastam, no verdadeiro cinema); Anthony Quinn, actor excelente, não surpreendeu porém — uma questão de direcção, talvez; Alain Cuny, sim, fez um grande desempenho, à altura do seu outro trabalho em *Os trovadores malditos*. — (C. B.)

O MENINO E O TOURO — de Irving Rapper

A história de um menino que viu nascer um touro. E o viu crescer. E o amou. E por ele sofreu como se sofre por tudo o que se ama. E o viu desajeitado egoisticamente. E o viu na arena, bravo como nenhum outro e frente a um bravo toureiro, sem nada poder fazer...

História interessante, quase tratada com amor, faltando-lhe a quase necessário para que uma história nos fique no coração.

Por isso mesmo, O MENINO E O TOURO, é um filme imperfeito, umas vezes pelo ilocismo das situações apresentadas (o menino correndo pela cidade do México, sem a conhecer, por exemplo), outras vezes, melhor, na sua apreciação global, pela ligação deficiente do material utilizado — a história, os intérpretes, os elementos técnicos.

Interpretação aceitável do menino Michel Ray, bastante bem dirigido. — (L. R.)

NEM SEMPRE O CORAÇÃO MANDA — de Anthony Mann

NEM SEMPRE O CORAÇÃO MANDA, pega, porque é um filme diferente, e só apenas por isso.

Sobre aviação, assunto que interessa a todo o mundo, pelo que nos ensina sobre uma matéria que está na berlinda. No entanto, fica bastante aquém, daquele outro filme sobre assunto idêntico: *A Barreira Sonora*, de David Lean.

A história do presente filme é simples: um homem (James Stewart) entre duas paixões: a aviação (vocaçao) e o lar (amor à família). Enquanto não se resolve o caso até ao tradicional *happy end*, é a paixão da aviação que vence; depois, como não podia deixar de ser, uma pequena lesão provocada por um acidente, a incapacidade para voar, a volta ao lar, tudo conjugado para o necessário fim feliz.

Enfim, uma história americana, valorizada pelos ângulos filmados (aviões, em terra e no espaço, por dentro e por fora, abundantemente) e pelo nível excelente das principais interpretações, Jimmy Stewart e June Allyson.

O assunto tem ainda muito pano para mangas. Certamente que, quando os filmes sobre aviação e congêneres dedicaram o papel mais importante ao homem e aos seus problemas, veremos obras infinitamente mais importantes do que este NEM SEMPRE O CORAÇÃO MANDA... — (V. A.)

Aos interessados pelo cinema como Arte e como Técnica, alinharei nos vários números desta secção, alguns elementos geralmente úteis a quem se interessa pelo fenómeno cinematográfico.

Por agora, apenas alguns termos técnicos, que o leitor pode encontrar e não compreender, a quando da leitura de algum escrito sobre cinema...

SINOPSE — Tema de um filme, escrito sob a forma de novela curta (para se poder ler rapidamente). A sinopse é a forma primitiva de que reveste a ideia dum filme.

CENÁRIO LITERÁRIO — Argumento do filme, quase semelhante a um romance, mas já com algumas indicações sobre a continuidade visual. Por extensão, chama-se cenário ao argumento de filme.

PLANIFICAÇÃO — Texto do filme, escrito segundo uma técnica particular que permite indicar ao leitor a fragmentação do tema dramático em planos e as características dramáticas e visuais de cada plano.

## Poetas espanhóis

### Ausência de luz...

A un miserable mortal ególatra y sensual.

Nadie podrá explicarse tu ateísmo ante una reflexión noble y serena; pues, quien bien te conoce, siente pena de verte siempre infiel... siempre lo mismo!...

Deificas el placer y el egoísmo; tienes el alma de miserias llena, y de ésta vida efímera y terrena te aferraste al ruin materialismo.

Piensa más en la vida de ultratumba, porque la que hoy vivimos se derrumba, como fugaz, para el Linaje Humano.

Y aun que mi opinión taches de infundada, de la Nada venimos, y a la Nada volveremos un día no lejano!

RUFINO SAUL

## ES-TRAN-GEIRA



AGUÇADA, ESTA TERNURA QUE MORDE DESDE LONGE, SURDA, ELECTRICA...

A DOR É MAIS TURVA COMO O CÉU PRESO POR NUENS DE ALUMÍNIO NUNCA ESTAREI DENTRO, NO VENTRE DELGADO DAS RUAS DERRAMADAS PELA MÃO DE CINZAFORTE DESTAS LATITUDES,

EM TARDES TRISTES LEVO A VERDADE, INTEIRA, ELEMENTAL DE SANGUE E PELE, HUMANIDADE, SOFRIDA HUMANIDADE DOS DESCARREGADORES!

LITA FERREIRA

Buenos Aires

(Linóleo de Casimiro)

## RECORTES

«O homem, desde o tempo longínquo em que desceu das árvores, atravessou, no meio de dores e de perigos, um vasto deserto de areia, rodeado dos esqueletos esbranquiçados dos que morrem no caminho, atormentado pela fome e pela sede, pelo medo dos animais selvagens, pelo terror dos inimigos — não somente dos inimigos vivos, mas dos fantasmas dos rivais mortos, projectados pelo seu próprio medo num mundo perigoso. Finalmente emergiu do deserto e atingiu uma terra acolhedora, mas no decurso dessa longa noite esqueceu o sorriso. Não chegamos a acreditar no esplendor da alvorada. Julgamo-la vulgar e decepcionante; agarrámo-nos a velhos mitos que nos permitem continuar a viver no medo e no ódio — sobretudo a aversão a nós próprios, miseráveis pecadores. É uma aberração. O homem hoje para ser salvo, só tem necessidade duma coisa: abrir o coração à alegria e deixar o medo gritar nas trevas vacilantes dum passado esquecido. Precisa erguer os olhos e dizer: «Não, não sou um miserável pecador. Sou um ser que, por uma estrada longa e penosa, descobriu como a inteligência pode vencer os obstáculos naturais, como viver na liberdade e na alegria, em paz consigo mesmo e portanto com a humanidade inteira». Será assim se os homens preferirem a alegria à incerteza. Caso contrário, uma morte eterna sepultá-los-á num esquecimento merecido».

BERTRAND RUSSEL in A ÚLTIMA OPORTUNIDADE DO HOMEM

## PAPÉIS ANTIGOS

### Ensaístas profundos ou ensaístas obscuros?

Observo neste escritor o dom da obscuridade, que oxalá fosse também o dom da profundidade.

Como quero acreditar na boa intenção dos homens (principalmente quando eles lidam neste lidar para que todos nunca somos demais: as ideias), acredito que, à obscuridade, não correspondem inconfessáveis incapacidades de pensamento crítico e de expressão adequada desse pensamento. Mas um mal intencionado preferirá ver, nos tais escritos, apenas... nada, porque é de facto o que se apura, em última análise, mesmo depois duma leitura cuidada, atenta e repetida.

Logo me dirão: é coisa muito subjectiva compreender ou não compreender e a sua incompreensão não prova que o escrito seja, de facto, incompreensível. De acordo. Sou eu que não compreendo, embora acredite que o autor diz maravilhas, mas reparo, outrossim, que não as dirá mais nem melhores que outros autores cuja leitura feita, pelo mesmo sujeito da anterior, se me afigura clara como água limpa.

Outro argumento me aduzirão: talvez porque esteja melhor integrado nos conhecimentos versados (mais triviais, mais acessíveis, mais socializadas as ideias) ou porque possui um maior treino de leitura desse último autor. De acordo. Mas quando os li pela primeira vez e a impressão foi a mesma de imaculada clareza? e quando se tratava de problemas tão pouco comuns como os da teoria heliocêntrica ou de teoria do conhecimento?

Fica-me a admiração pela possível profundidade e inextinguível valor dos ensaístas obscuros, mas a suspeita, também, de que talvez o rei vá, senão sempre, muitas vezes, nuzinho em pelo... o que equivale, neste caso, a envergar uma copa andrajosa de insignificante e impenetrável serrapilheira.

Quanto ao grau muito ou pouco sociabilizado das ideias expressas, suponho que o restrito dever de todo o ensaísta que não escreve só para si (e se escreve é porque o faz para si mas para os outros também) é fincar as noções menos acessíveis noutras que façam parte duma mediania e a que o leitor comum não será alheio. Mesmo que escreva para um escol restrito há que lançar pontos de referência mais usuais, a que se prenda a ponta dum fio coerente que o autor discorrerá e o leitor percorrerá. Sem isso, é um pélogo onde ninguém se faz conhecido nem achado. O pensamento não é, não pode ser, uma cabala para privilegiados.

Afonso Cautela

## Impressões de leitura...

### Poemas da Noite Nova de José Carlos González

barco eterno a naufragar perto do porto,

é o drama da juventude, o drama do homem, mais marcado e visível nos anos verdes onde as tonalidades negras e as claras apresentam formas excessivamente moldadas e separadas por um abismo imenso. O teu drama,

— essa rosa adormecida que tu esqueces nos destroços dum combate repentino

não é só teu, apesar de poeta, sublimador da vulgar realidade, e amante da beleza e escravo da beleza também. O teu Drama é o Drama do Homem, empastando-se e confundindo as tonalidades brancas e negras, à medida que os anos passam — e os anos passam, incensuravelmente.

A poesia de José Carlos González é a poesia de um jovem perfeitamente consciente dos problemas que o rodeiam, o sangue que se prolonga pela neve, o pávido medo de não haver amanhã... mas que procura simplesmente evadir-se, embrenhar-se no mundo poético, desejando transformar a sua vida numa constante / madrugada nova para o que procura. Poesia introspectiva? Sem dúvida, mas procurando em si, não egoisticamente mas abertamente, diria poeticamente, não o seu «eu» íntimo mas o íntimo «eu» duma juventude que vive subjugada a um caminho que é tudo apesar da sua impalpabilidade.

Vou de mim, de mim me afasto.

Onde me levas, caminho?

José Carlos González deu-nos boa poesia, num estilo simples, fino, subtil, o mesmo (relativamente!) estilo que encontramos no *Libro de Poemas*, nas *Primeras Canciones* ou nas *Canciones* de Federico García Lorca, poeta que J. C. G. parece bem conhecer... e não só porque lhe dedica uma bela *Ode*.

Finaliza o Autor o seu livro de versos com *Cuatro Sonos del Aire de España*, que são, sem favor algum, quatro belos poemas numa língua que não é a sua — mas que o parece, pela elegância de estilo, e pelo lirismo que consegue extrair com extrema felicidade. O IV poema, de um equilíbrio formal original, é um belo exemplo da fecundidade poética de José Carlos González.

Uma porta aberta para um novo livro que, cremos, será o confirmar burilado de uma expressividade poética que adivinhámos altamente plena de novos cambiantes e tonalidades.

(Capa de René Bertholo. Edição do Autor).

## Primeiro diálogo sobre Arte Moderna

por JOSE AUGUSTO FRANÇA

Eis o segundo caderno da série *Cadernos do Tempo Presente*, colecção orientada por José Neves Águas. O seu autor, José Augusto França, é suficientemente conhecido, essencialmente pela meritória actividade que mantém na imprensa.

Escrever sobre a arte moderna não é fácil, já porque a Arte Moderna é esse mundo novíssimo que o grande público não compreende, precisamente porque está atrasado em relação a tudo o que, além de recente, é necessariamente mais elevado do que os seus conceitos gerais. Fernando Pessoa o diz bem melhor do que nós: *AMANHÃ É DOS LOUCOS DE HOJE*, frase que nos dá a perfeita imagem da incompreensão da Arte Moderna, de tudo o que é Moderno... e desde sempre. Sócrates, Da Vinci, Júlio Verne, tantos outros, modernos do seu tempo (então, no conceito geral, loucos) não foram compreendidos cabalmente pelos seus contemporâneos. Foram necessários anos para que o seu valor fosse elevado aos merecidos pedestais.

A Arte Moderna, precisamente porque VALE, está incluída no mesmo círculo histórico: sofre a quase indiferença do presente, pelo menos daquele presente arreigado a falsas noções tradicionais, amarrado a um passado ultrapassado. Explica-o José Augusto França, em parte, nesta passagem do seu caderno: a arte moderna, a arte viva, afasta-se do público, caminha, enquanto ele fica parado, sem entender o que à sua volta se passa; da outra, da arte académica, da arte morta, que ficou parada, é o público quem se afasta, exactamente porque ela ficou parada, e não lhe serve já. (pág. 4). É o público, o eterno cauteloso, com um pé atrás e outro à frente. Mas ele fica no meio, no seu quase-todo. A frente os artistas, os pioneiros, sem dúvida.

É o drama e a grandiosidade da arte de todos os tempos. J. A. F., sob a forma dialogal, apresenta-nos problemas interessantes relativos às relações da arte moderna: ela e o público, ela e a arte académica, ela e o seu classicismo, ela nas suas várias direcções e aparências. Um trabalho sério, se bem que a sua dificuldade seja de considerar — pois conforme o próprio Autor o expõe, no falar de Arte Moderna surgem questões levadas do diabo — precisamente porque o belo é sempre difícil.

Em extra-texto, algumas reproduções de trabalhos de Picasso, Velazquez, Fernando Llanas, Nuno Gonçalves, Piero della Francesca e Giotto. Esperemos que não fique no número dois esta série de cadernos culturais, sem dúvida de muito interesse.

## O homem pervertido

contos por ROUSSADO PINTO

Trata-se, depreendemos, do primeiro livro de Roussado Pinto. O que não conta absolutamente nada para o caso, pois que «O Homem Perverso» é um volume de contos que, apesar de alguns deslizes, valeu bem a pena ser publicado.

O A. avisa-nos logo de início que vai sujar as mãos, para depois acrescentar que, se a vida é luz — tem porém manchas negras dissimuladas em jorros de claridade — manchas negras que não podemos ignorar porque existem. Eis precisamente o motivo porque achamos que este livro de contos valeu a pena... Procura a realidade, a vida, sem se importar com a sua escuridão medonha. O que consideramos absolutamente oportuno, mesmo num livro de ficção, especialmente num livro de ficção, em que o autor, quase por metodologia — nos apresenta tipos humanos originalmente obnoxiosos.

É aí que está o busilis; os tipos apresentados são sem dúvida tipos quotidianos, mas sem dúvida mais humanos do que este Júlio, este «seu» Silva ou mesmo esta Beatriz... No entanto quem nos diz que o A. desejou apresentar as profundezas humanas dos tipos apresentados, mas tão somente, a suas aparências fúteis e muitas vezes ridículas?

Pode aliviar-se que o A. desejou apenas ir direito aos fins, sem se preocupar grandemente com as actuações interiores, psicológicas, das suas personagens. Virtude ou defeito, não importa. A obra, tal como está, é, quanto a nós, já uma certeza palpável.

Roussado Pinto tem nas mãos um mundo imenso para desvendar — resta-lhe afiar um pouco mais as ferramentas a utilizar na sua descoberta, os elementos da expressão... (Editorial Organizações, Ld.).

CASIMIRO DE BRITO



## Magazine

## Malheres de hoje

(Continuação da 1.ª página)

## CONVEM SABER

Que o Agrião é planta erbácia que cresce espontaneamente na margem dos ribeiros. Tem propriedades depurativas, diuréticas e fortificantes. Excita o apetite, por conter o iodo, ferro e fosfatos. O suco do agrião emprega-se para fazer desaparecer nódos negros. Quem sofra das gengivas, deve mascar folhas de agrião.

Alguns anémicos se têm curado radicalmente, bebendo todas as manhãs suco de agrião. Isto demonstra que também se emprega para combater as enfermidades do peito, como a tuberculose.

As folhas de agrião cozidas (de preferência cruas e picadas), aplicadas em forma de cataplasma, fazem desaparecer a tinha das crianças. O agrião é muito aconselhado para a salada, por ser bastante depurativo; sem qualquer tempero, apenas limpo das folhas velhas e das raízes e lavado constitui um belo tónico. O agrião silvestre tem as mesmas propriedades do agrião vulgar.

## PROVERBÍOS

— Na terra dos cegos, quem tem um olho fechado e outro por abrir, também é cego.

— Não há nada que estrague mais a roupa que o uso.

— É preferível cair de sono do que cair dum quinto andar.

— Deus dá nozes a quem tem asus e dentes a quem não sabe voar.

— Mais vale um pássaro na mão, que dois lá no alto sujando os chapéus.

— Quem tem telhados de vidro, não deve andar às «gatas» de noite.

## PERSPECTIVA

Se houvesse tanto progresso nas ideias como na maneira de as legar à posteridade!...

Desde o estilete que grava as tábuas romanas à pena de pato e à máquina de escrever, vai um mundo de perfeição e de simplicidade.

Mas Virgílio, Camões, Descartes e tantos outros, ainda não foram postos de lado em concorrência com os actuais criadores de ideias que usam caneta tinteiro ou utilizam a «Remington» portátil...

## MAÇA - LARANJA

Vai aparecer, brevemente, no mercado, um novo fruto que, enquanto não for baptizado com melhor nome, será conhecido por «maça-laranja». Riquíssimo em vitaminas, já está a ser produzido por 800 árvores, para a obtenção das quais foram necessárias mil enzimas. É originário da Suíça.

## AGENCIA PENINSULAR de VIAGENS E TURISMO

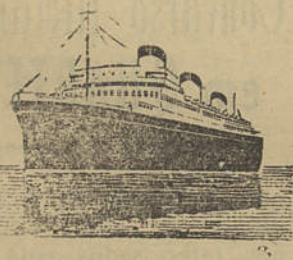
Rua Conselheiro Bivar, 58—Telefone 216—FARO

Passagens Aéreas, Marítimas e Terrestres para todos os Países da

Europa, África, Américas do Norte, Sul e Central,

aos preços oficiais de todas as Companhias.

Obtenção de passaportes e vistos Consulares

Faro, 22-VII-1957  
António Augusto Santos

## HORTA

Vende-se uma horta com árvores de fruta e muita água, casa de habitação e ramada, na Campina de Cima.

Nesta redacção se informa.

## A NOSSA Estante

CONTOS TRADICIONAIS PORTUGUESES

Está publicado e recebemos, mercê da amabilidade de «Iniciativas Editoriais» (Avenida Rio de Janeiro, 6 cave), o fascículo n.º 4 desta publicação apresentada, através da referida Editorial, por Carlos de Oliveira, José Gomes Ferreira e Maria Kell, os primeiros dois compiladores a última ilustradora de mérito.

Eis os títulos de alguns dos contos incluídos neste fascículo: Dona Maria, João Pequeno, O grão de milho, O astucioso, Sete histórias do diabo, Os três irmãos, O primeiro facto em que a Justiça figurou, Para quem canta o cuco?, Pele de cavalo, As favas.

## Pensamentos

— «A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do necessário para o sustento da vida é o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto império, que despoticamente domina sobre todos os que vivem» — P.º António Vieira.

— A reputação é espelho cristalino: qualquer toque o quebra, qualquer basfo o empana — D. Fr. M. de Melo.

— A felicidade no mundo é um bem que todos buscam e ninguém encontra plenamente realizado em si mesmo. — Ramalho Ortigão.

— Mais se tropeça com os olhos e com a boca do que com os pés — Bernardes.

— Não poderá existir um mundo melhor desde que cada um não procure ser melhor, sobretudo procurando aliviar as dores e sofrimentos dos seus semelhantes, diminuindo as suas ambições.

Não merecem um «mundo melhor» aqueles que, até ao momento da derrocada final, continuam a proceder como se vissem no pior dos mundos, não dedicando um pensamento sério à sorte e destino dos seus semelhantes.

O mundo de amanhã será o que os homens forem, de bom ou de mau. Cumpre aos melhores meter os outros no bom caminho. — Cena Ferrão.

## Furgoneta

VENDE-SE uma furgoneta Fordson 8 c. v., 300 kg., serie 11. Preço acessível.

Tratar com Gabriel Guerreiro Madeira — LOULÉ.

## PENSÃO

Casa particular em Loulé, dá pensão a alunas do colégio ou a empregadas, para serem tratadas como família.

Nesta redacção se informa.

## Trespassa-se

Estabelecimento de mercearias e vinhos, bem localizado.

Nesta redacção se informa.

## Em louvor de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

tuosas, onde se respira o ar do passado e onde parece reviver as moiras encantadas, que deram origem às lendas que correm de boca em boca, de tão acentuado cunho popular.

O seu movimento comercial e industrial é importante e a gente sente que é uma terra de trabalho, onde se procura com o esforço próprio bastar-nos e angariar o que se torna necessário para a manutenção da vida.

Não é uma terra dependente dos factores da sorte, como acontece a algumas da beira-mar, onde a vida decorre ao sabor do bom ou mau tempo e de haver ou não a sorte dos barcos virem do mar bem providos de pescado.

Tem por esse motivo uma característica especial, em relação com outras terras algarvias, porque a sua vida está organizada de forma a que as crises se não sintam com tanta crueldade, como acontece em outras regiões.

Loulé é sede de um dos maiores concelhos do país em área e dos mais importantes. Confinam com o Alentejo e chega ao mar, atravessando o Algarve em toda a sua largura.

O seu solo é rico, produzindo frutos, cereais e cortiça em abundância. E-te facto dá-lhe uma importância especial, porque a gente espalhada por essa grande área é obrigada a visitar a sede do concelho com frequência, para tratar de diversos assuntos oficiais a aproveitando o ensejo para tratar, também, dos que se relacionam com o comércio.

E', enfim, uma terra rica e

## FONTE DA PIPA

ARRENTA SE esta propriedade. Enviar propostas até fins de Setembro a Manuel Guerreiro Pereira — Rua Ataíde de Oliveira, 106 — FARO.

Reserva-se o direito de não serem consideradas caso não convenham.

## Vinho de Lagoa

Da Adega Cooperativa

Ginginha e Eduardino dos Portas de St.º Antão

As melhores bebidas do País

Vende por atacado e a retalho

M Brito da Mana

Telefone 18 LOULÉ

## PARA RIR...

O réu está a ser julgado por conduzir em estado de embriaguez e, a certa altura, o juiz pergunta-lhe:

— Mas como conseguiu embriagar-se daquela maneira?

— Que quer, sr. dr. Juiz? As más companhias... tínhamos uma garrafa de brande para quatro, e os outros três eram abstémios...

O amigo — Você diz que sofre tanto de insónias. Porque não consulta o seu médico?

O doente — Deixe-me cá, homem! O lembrar-me da conta que já lhe devo é que me tira o sono!

— Este mundo é muito triste. Calcula que, desde que o João perdeu a fortuna, metade dos amigos já nem o conhecem!

— E os outros?

— Esses ainda não sabem que a perdeu!

Entre dois amigos:

— Tenho um pouco de dinheiro e desejava dar-lhe aplicação.

— Em que sentido?

— No de pô-lo a render, mas nalguma coisa que suba. Que me aconselhas?

— Nesse caso compra foguetes, que é a única coisa que sobe. O mais, inscrições, notas, acções, tudo pode descer.

Um homem bate à porta e vem abrir uma senhora.

— O que deseja?

— Vinha pedir alguma coisa para o nosso asilo de alcoólicos.

— Neste momento não posso dar nada, mas venha cá no sábado à noite que pode levar o meu marido.

NA ESCOLA:

— Qual foi dos meninos que escreveu no quadro «O Professor é um burro»?

Depois dum pequeno silêncio, um dos alunos levantou-se e com ar de arrependido:

— Fui eu, senhor professor.

— Está bem... por teres dito a verdade, não te castigo.

O Machado chega a casa de um grande amigo seu, pouco antes da hora de jantar. A dona da casa recebeu-o friamente e perguntou-lhe:

— Então, meu caro, não veio jantar ontem, como tinha prometido.

— A senhora vai desculpar-me — respondeu o Machado — mas, à hora combinada, verifiquei que não estava com bastante apetite... e então deixei para hoje...

Depunha como testemunha no tribunal, uma atriz famosa.

— Qual é a sua profissão? — pergunta o juiz.

— Sou a melhor atriz de Espanha — volve a testemunha.

A saída uma amiga observou-lhe:

— Não devias ter-te gabado dessa forma perante o tribunal...

— Tu bem sabes — replicou a atriz — que não gosto de me gabar, mas bem vês: de começo exigiram-me juramento de que só diria a verdade e nada mais que a verdade.

## LAGAR DE AZEITE

Vende-se ou arrenda-se um lagar manual de azeite, sito em Regdengo (Alte).

Dirigir propostas a Francisco Luiz Calico — Loulé

## Aprendiza

Para trabalhar com máquina de apanhar malhas em meias precisa-se. Nesta redacção se informa.

## KODAK

STERLING — Nov a com bolsa de cabedal. Vende-se em conta.

Nesta redacção se informa.

## MONTRA

Vende-se armação de montra, incluindo o respectivo vidro.

Tratar com Vital Campina Mealha — Loulé.

Poderiam agora chegar mil exigências do castelão, aparecer novamente o manhoso caçador, que aquela trémula gente tinha armado em valentia e nenhum seria capaz de sacrificar outra vez uma inocente. E todos pediam o castigo para os do pacto e todos no fundo eram pactuantes.

De súbito alguém num grupo soltou um grito horrível, como se tivesse posto um pé sobre um pico incandescente, e pulava e rabiava como se lho estivesse a pregar ao chão com pregos em braza e pelas veias corresse fogo em vez de sangue. Todos os olhares assustados se volveram para o pé do resabiado homem, que o apertava afiladamente entre as mãos calosas. E sobre ele repimpava-se a mordaz aranha de olhotos desdenhosos para os circunstantes, calafriante, arripiante, a assistir ao enegrecer daquele corpo e sem perder de vista o grupo de conspiradores que corria desordenadamente em todas as direcções.

Mas o poder do Demónio é ainda grande e todos eles estavam marcados; e a aranha, veloz como o vento, ia picando o pé deste, o calcanhar daquele, e todos com o susto da morte se precipitavam para suas casas como feras espectrais em frente de caçadores ferozes. E cada um supunha que a aranha se incandescera atrás de si e as portas fecharam-se a sete chaves.

A fome era grande e os homens tiveram de descerrar as portas trancadas para procurar alimento para o gado e para si. A aranha parecia ter desaparecido e os gritos de morte já se não ouviam. E muito a medo dirigiram-se para os campos vigiando tudo atentamente. Onde estaria ela? Aqui? E todos as pessoas fraguejavam e todos os olhos estavam alerta; de repente um ou outro sentia umas cocegasinhas sobre o pé, um trepidar manso sobre o rosto, depois sobre o nariz uns olhos maus fitando os seus, depois uma ferroadas de fogo e no fim sempre a mesma morte horrível entre as labaredas do inferno.

Aquela venenoso bicho fariscava por toda a parte, ora aqui, ora ali, agora em baixo no vale, logo em cima no monte; sibilava por entre a erva, precipitava-se do tecto, rompia debaixo do chão.

Era também frequente no mais aceso do meio dia, à hora em que os camponeses comiam a sua papa de aveia, saltar debaixo da mesa para cima das mãos de cada um, sem dar tempo a um suspiro, e depois alor-se à cabeceira sobre a careca do chefe da família a olhar rancorosa para aquela série de mãos que se iam salpicando de bolhas negras.

Noites de vigília se passavam mas isso nada evitava, porque, ela era invisível, e caía do tecto sobre a cara do lavrador ou procurava-o no estábulo. Era impossível fugir-lhe, estava em nenhuma parte e em toda a parte; acordado, ninguém se podia defender, dormindo, nin-

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 23

JEREMIAS GOTTHELF

## A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

guém estava livre dela; e os que se supunham seguros ao ar livre, empoeirados em árvores, mesmo aí sentiam os pés ignos da maldita aranha no pescoço e depois o fulgir dos seus olhos de vingança por cima dos ombros. Não poupava criança no berço, nem velho paralítico; era a morte mais assombrosa de que jámais houvera conhecimento; mas mais terrível ainda que a morte era o inominável pavor, a instabilidade de segurança perante aquela aparição sinistra, aqueles olhos mortíferos que só lembrá-los fazia estarrecer.

No castelo, não podia naturalmente ser segredo as torturas por que passavam os pobres lavradores e também ali não podia ser indiferente o que ocorria tão perto das suas muralhas; e, na medida que as regras da ordem o consentiam, duras críticas e azedas palavras se trocavam. O soberbo von Stoffel, tão cheio de preconceitos de raça, sentia-se também tão timorato e receoso da sua vida, como se fosse feito da mesma massa dos seus escravos. Apareciam-lhe agora com certa clareza as palavras desabridas do falecido pároco que ele acolhia com sobrolho carregado: Todo o sofrimento causado por ele aos lavradores, sobre ele mesmo recairia. Mas sempre se rira ou aborrecera de semelhante profecia, porque sempre julgou que Deus saberia distinguir a nobreza do seu sangue azul entre a vermelhidão do sangue plebeu; entre um cavaleiro e um labreste havia uma grande diferença. Apavorado, por só tão tarde começar a entrever a realidade das coisas através das palavras dum santo padre, agigantava ainda mais o castigo que poderia vir sobre o castelo e rompia em frases violentas contra tudo e contra todos os que o rodeavam. Se não fossem as suas troças, o seu capricho não chegaria a tanto. Todos os cavaleiros se diziam porém inocentes, atraindo sobre os outros a culpa e, embora o calassem, todos viam e supunham que, se viesse o castigo, o culpado dele só von Stoffel. Mas aquele que mais se rira e mais escarnecera da ideia de construir o castelo naquele sítio e que

empregara ditos pesados sobre o capricho louco de fazer a avenida das faias, deu um passo em frente. Era um jovem polaco ainda muito novo e já com bastantes serviços prestados à Ordem, pela sua bravura feroz, que não temia Deus nem o Diabo. Via que os outros apelavam para a sua valentia, numa cobardia infinita. Riu-se deles cruamente e disse: «Quem tanto medo tem dum aranhão, como se comportaria com um dragão? Vesti a sua armadura de ferro e cavalga a toda a brida para o vale, jurando não regressar enquanto não esborrachasse o infimo insecto à punhada. Os cáis bravos saltavam e ganiam à sua volta, satisfeitos pela saída; o falcão pousava-lhe no pulso, a lança estendia-se sobre o selim, o cavalo galopava folgoso. Meio céptico e meio esperangados, por se lembrarem daquela vigília noturna em Barheger, pedindo força para as suas armas terrenas contra tão poderoso inimigo, foi assim que os apavorados homens da Ordem dos Alemães, viram sair o jovem cavaleiro da Polónia.

O cavalo caracolava pela orla dum pinhal em direcção ao casal mais próximo e o cavaleiro, de olhos penetrantes para todos os lados, avistou o casal e gente à sua volta; assobiou aos molossos bravos, libertou a cabeça do falcão e fez tilintar o seu punhal, libertando-o de dentro da bainha. O falcão virou para o cavaleiro os seus olhos cendrados e, ao sinal convencionado, abriu as asas, saltou do pulso e furou os ares; os cáis que acorreram ao assobio latejavam alto e farejavam por todas as brenhas com rabo de rojo; mas demoravam-se e, embora os agudos ossobios do dono penetrassem pelos campos, eles não acorreram ao usual chamamento.

O único recurso era dirigir-se ao casal a pedir informações e toda a gente aguardou a chegada do valoroso cavaleiro. E tudo ficou de braços abertos e de boca escancarada ao vê-lo mais de perto; custava-lhes a crer no que viam, talvez fosse um ludíbrio dos seus olhos. Mas não era. A aranha encontrava-se realmente sobre o capote do cavaleiro, mais negra e mais volumosa do que nunca, olhando soberbeiramente a toda a volta, impante de veneno e de malícia. Ao aperceberem-se melhor do que se passava, todos em frenética gritaria largaram desabaladamente para a floresta e para o barranco, deixando sozinho o jovem traga-mouros que, sem poder atinar com a razão daquele pânico, atirava furioso o seu cavalo contra os medrosos, chamando-os e praguejando por assim desaparecerem tão rapidamente como perdigotos. O animal, cada vez mais esporeado, entregava-se cegamente a uma carreira louca e, no fundo da cova tenebrosa, os que ali se tinha acotado viram daí a pouco tempo, suspensas sobre o abismo, as patas dum cavalo e depois cavalo e cavaleiro numa queda vertiginosa e cheia de reviravoltas pelo ar esfecarem-se ruidosamente contra o fragarêdo.

CONTINUA



## Folhas de Férias

Impressos em modelo exigido  
por Lei, vendem-se na

Gráfica Louletana

LOULÉ



## Notícias Pessoais

### ANIVERSÁRIOS

Fazem anos em Agosto:

Em 18, o menino João Manuel Rodrigues Guerra.

Em 21, o sr. Cândido Vieira Coelho e a menina Dora Maria Serafim Campina.

Em 22, o sr. Joaquim Hipólito Pinto Lopes, nosso prezado conterrâneo, residente em Lisboa.

Em 23, o sr. Francisco Lopes Madeira, residente em Vila Real de Santo António, e a menina Dina Maria Santos Guerreiro.

Em 25, a menina Aura Maria Martins Farrajota.

Em 26, o sr. José de Sousa Vairinhos, residente na Venezuela.

Em 27, o sr. José Maria Carilho.

Em 30, a sr.ª D. Lídia Martins Seruca Machado, residente em Lisboa, e os srs. Manuel Bento Guia, residente em Grândola; Humberto Carapeto Melenas, Faustino José Pires e José Martins Rainha, residente em Coimbra.

Em 31, a menina Raimunda Maria Garcia Lourenço.

### PARTIDAS E CHEGADAS

— Acompanhado de sua tia, sr.ª D. Lídia Viegas Mendonça, encontra-se em Loulé, em casa de seus avós, o nosso prezado assinante em Lisboa sr. Victor Mendonça Viegas.

— Em gozo de férias, partiu para Lisboa, acompanhado de sua filha e esposa, sr.ª D. Zilda da Costa Nordeste Santos Vaz, o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. Mário da Costa dos Santos Vaz, distinto advogado nesta comarca.

— Com sua esposa, sr.ª D. Laurentina da Costa Gonçalves Sá Pereira, encontra-se a veranejar na Praia de Quarteira o sr. Engenheiro Eduardo Augusto Sá Pereira, residente em Braga, que também esteve em Loulé de visita a sua família, sr. Raul Pinto e esposa.

— Também se encontra a veranejar na Praia de Quarteira a sr.ª D. Maria José da Costa Gonçalves Moreira, residente em Braga.

— Em gozo de férias esteve em Quarteira com suas filhas e esposa, sr.ª D. Maria de Lourdes Vicente de Brito da Luz, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. Efigénio Carapeto da Luz, Director da Companhia de Seguros «Atlas».

— Após ter passado uma temporada entre nós retirou para a França, a nossa conterrânea e estimada assinante, sr.ª D. Irene de Sousa Nunes Pereira.

— Acompanhado de sua esposa e filhos, encontra-se a veranejar na Praia de Quarteira, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Maria Sousa Luiz dos Ramos, funcionário do Banco de Portugal em Aveiro.

— Em gozo de férias encontra-se em casa de seus pais a sr.ª D. Maria Amélia Ramos Elias.

— Na companhia de sua esposa tivemos o prazer de cumprimentar nesta redacção o sr. Engenheiro Guilherme Mendes Pinto, residente em Faro.

— Acompanhada da sr.ª D. Suzana do Nascimento Cataluna, professora oficial em Moura, encontra-se em Loulé, de visita a sua família, a nossa estimada conterrânea, sr.ª D. Maria Odete da Costa Fernandes, também professora oficial naquela vila.

— Com sua família, encontra-se em Quarteira a veranejar o ilustre Presidente da Junta de Turismo desta Praia, sr. Dr. António de Sousa Pontes, nosso prezado amigo e dedicado colaborador.

— Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Ana Maria Filho de Sousa, regressou de uma digressão pelo Norte do País, o nosso

prezado assinante e amigo sr. António José de Oliveira e Sousa, funcionário da Agência do Montepio, em Faro.

— Encontra-se temporariamente em Olhão a chefia da Agência da Caixa Geral de Depósitos, o nosso velho amigo sr. Francisco José Ramos e Barros Júnior.

— Vimos nesta vila a nossa conterrânea e estimada assinante em Lisboa sr.ª Dr.ª D. Gabriela da Silva Pigarra.

— De licença, encontra-se em Loulé, o nosso prezado conterrâneo e assinante na Capital sr. Leonildo Gonçalves Conceição.

— Encontra-se a veranejar na Praia de Quarteira, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. Joaquim Ramos Urbano.

— A prestar serviço na Filial da Caixa Geral de Depósitos em Faro, encontra-se naquela cidade o nosso prezado assinante sr. Libânio Rodrigues Palma, tesoureiro da mesma Caixa nesta vila.

— Com sua esposa e filhas chegou há pouco à Metrópole, vindo de Moçambique, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Francisco José Lourenço, que se encontra em Quarteira.

### CASAMENTO

Realizou-se no passado dia 28 de Julho na igreja de Nossa Senhora do Livramento — (S. Miguel — Acores), o casamento do distinto médico em Loulé, sr. Dr. Teodoro de Sousa Pedro, filho do sr. Jacinto de Sousa Pedro e da sr.ª D. Maria Margarida de Sousa Pedro, com a sr.ª D. Maria Adriana Pereira Travassos, filha do sr. José Moniz Travassos, e da sr.ª D. Maria da Esperança Pereira Travassos.

Após a cerimónia foi servido aos convidados, um finíssimo «copo de água», em casa dos pais da noiva.

Ao novo casal, que já fixou residência nesta vila, desejamos uma vida conjugal repleta de felicidades.

### NASCIMENTO

No passado dia 10 do corrente, deu à luz num quarto particular do Hospital desta vila, uma robusta criança do sexo masculino, a sr.ª D. Lizete Silvestre Viegas da Cruz, esposa do sr. Virgílio Frade da Cruz, funcionário de Finanças nesta vila.

Os nossos parabéns aos felizes pais, e votos de longa vida para o recém-nascido.

### FALECIMENTOS

— No Barreiro, faleceu no passado dia 24, a sr.ª D. Laura Guimarães Fernandes, de 67 anos de idade, natural de Tavira, casada com o sr. Manuel Fernandes, nosso comprouviano que exerceu durante muitos anos as funções de Chefe da Estação dos Caminhos de Ferro de Cuba e actualmente aposentado.

A extinta era mãe da sr.ª D. Maria Antonieta Guimarães, esposa do nosso velho amigo e dedicado colaborador sr. Ciriaco Trindade e do sr. Rui Guimarães Fernandes, empregado dos esportivos da C. P. no Barreiro.

A família enlutada, especialmente ao amigo Ciriaco Trindade e a sua esposa, os nossos sentimentos.

— Vítima de um colapso cardíaco, faleceu há dias em Sobriera Formosa, onde desempenhava as funções de chefe de secretaria do respectivo julgador, (Oleiros) o sr. João Texugo de Sousa, natural desta vila, aonde exerceu o cargo de escrivão judicial.

O falecido era casado com a sr.ª D. Maria Pires Ribeiro Texugo, deixou dois filhinhos menores e era irmão do também nosso conterrâneo e amigo sr. Cristóvão Texugo de Sousa, residente em Tavira, a quem apresentamos sentidos pêsamos.

## Escola Técnica

### de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

mara, da vereação ou de um sector do agregado social, é um problema de todos, é um problema nosso, de Loulé.

E é interpretando o sentir dos louletanos que rendemos ao Sr. Ministro da Educação Nacional as homenagens de gratidão de Loulé, por este meio não oficial. Cremos que, nestas circunstâncias, somos bem a voz de Loulé e estas nossas palavras têm o mérito de ser proferidas por quem não louvaminha.

Quando se critica com independência, pode-se agradecer com justiça e neste agradecimento ao Sr. Engenheiro Leite Pinto, ilustre Ministro da Educação Nacional, envolvemos, em nome de Loulé, todos aqueles que desde há muitos anos souberam criar oficialmente, junto do Governo, como dirigentes do Município ou acompanhando e apoiando este, o problema da Escola Técnica de Loulé, equacioná-lo e desenvolvê-lo.

Estamos numa hora alta, saibamos aproveitar-la, justificá-la e agradece-la.

## GRALHAS

Como alguns dos nossos leitores certamente teriam notado, o último número do nosso jornal saiu com bastantes gralhas, que alteraram muito o sentido das frases.

Essas, e muitas outras gralhas que ultimamente tem pululado neste jornal, são devidas ao facto de a nossa vida profissional não nos permitir dedicar a este semanário toda a atenção e cuidados que ele exige para que certas deficiências possam ser suprimidas. Numerosas vezes acontece também que algumas páginas são impressas sem que tenhamos possibilidade de fazer a revisão de certos artigos, notícias ou anúncios, do que resultam graves gralhas que não podemos evitar.

A REDACÇÃO

## Cartas ao Director

(Continuação da 1.ª página)

impor que cada um deixasse o local limpo como encontrou. Além disso, cada barraca paga 5\$00 por cada domingo de praia e seria até natural que uma pequena parte dessa receita fosse destinada a manter a praia limpa.

Sou dos que só ao domingo podem ir à praia, e tenho «assado sardinhas» nas melhores praias do Algarve, naquelas em que, por não terem a categoria de «populares», seria mais natural essa proibição.

Os que só ao domingo podem ir a Quarteira não podem gozar de algumas regalias?

Aceite, Sr. Director, os meus pedidos de desculpa pelo espaço precioso que roubei ao seu jornal.

Um frequentador de Quarteira

## Música na Avenida

Com geral agrado da numerosa assistência (apesar do vento que teima em comparecer sempre que há música na Avenida) a Filarmónica União Marçal Pacheco realizou mais um concerto, com numeros cuja primorosa execução atesta bem a cuidada preparação com que os seus elementos tem sido ensaiados pelo competente regente sr. Virgílio Joaquim de Sousa Viegas.

## Temas sociais

(Continuação da 1.ª página)

sem, em contra partida, ceder nada.

Pessoas dessas há muitas e são bem conhecidas. É preciso a sociedade estar prevenida, usar as andainas abotoadas e deixá-los andar. Com o tempo a cadeia terá mais um cliente.

O cigano não é tão mau como o seu irmão, o gatuno, porque apenas tem repulsa instintiva ao trabalho e então inventa mil e uma maneiras de se furtar a esse penoso esforço. Para viver, joga mão de todos os expedientes, inclusive o roubo, mais por força da sua ingênita negação para o trabalho, do que pelos instintos maléficos que caracterizam o seu confrade, o gatuno. É mais um ente dedicado à mandrice, do que propriamente um criminoso ancestral.

Para ele é vergonha o trabalho, é desonra para a família, é rebaixamento da classe e da espécie, porque trabalhar, em seu entender, não é nobre nem digno.

Gabam-se até da sua honestidade de proceder, do respeito pelas tradições e até mesmo da sua falta de coibiça pelo que é alheio, porque, se acontece roubarem alguma alimária foi porque ela se encontrava no fim de um barão que encontraram caído no chão, e de que tendo passado na estrada ao pé de qualquer cilindro abandonado, não o levaram. Se fossem de qualidade ruim, teriam levado o cilindro que estava sózinho e sem qualquer espécie de guarda. Do mesmo modo apanharam o baracinho, e só quando chegaram ao acampamento verificaram que trazia uma besta presa na ponta, mas não a roubaram nem sabiam quem era o dono, pois já se não recordavam em que local acharam o insignificante baracinho, que apanharam apenas por descargo de consciência e não o deixarem desperdiçado.

São uns pobres diabos que não fazem mal aos que não são da sua raça, senão aliviá-los, de vez em quando, de qualquer objecto de valor, que possa molestar ou incomodar os seus donos. Eles se encarregam de lhes evitar esse incomodo.

Há ainda os batoteiros que melifluamente se insinuam no ânimo dos incautos para lhes tirarem o produto do seu trabalho, ou das suas economias.

Relapsos a qualquer espécie de esforços aturado e honesto, julgam-se no direito de usufruir todos os prazeres e benefícios do trabalho alheio, porque mais espertos, melhor dotados de inteligência, não carecem de trabalhar, que os papalvos o farão para eles viverem vida regalada e feliz.

Esta-lhes sempre a luzir

os olhos pelo que os outros têm, quanta vez produto de trabalho intenso e exaustivo, privações de gozo e de bem estar, economias de gastos superfluos e dispensáveis, que à custa de muito esforço e sacrifício, está destinado para a aquisição de qualquer bem de fortuna, ou prevenindo uma possível paralisação de trabalho por doença ou outro motivo, mas em suma reservado para o aparecimento de qualquer vicissitude a que seja necessário fazer face. O batoteiro não se importa com isso, não se condoi da desdita alheia, do amigo na doença e sem recursos, da família em casa com privações e faltas. O que ele pretende é tirar airoosamente ao chamado amigo o produto da sua fêria, o resultado das suas economias ou o desempate diário do seu estabelecimento, quantas vezes sem o detentor saber bem a quem ele pertence.

O batoteiro de nada quer saber. O que é preciso é atordoar o incauto, embobear a vítima com falsas demonstrações de amizade para, no momento próprio lhe tirar a carteira, a honra e a vida.

Pululam na sociedade muitos exemplares desta fauna abissal do vício, encontram-se por toda a parte, com falas mansas, atitudes untuosas, cumprimentos corriqueiros, olhos em baixo quais públicas donzelas, mas afixando no fundo dos bolsos o cabo do punhal que hão-de cravar, na primeira oportunidade que se lhes oferecer, no incauto que neles confiar.

O gatuno, o cigano e o batoteiro são os três males da humanidade que é preciso combater e eliminar.

Tarefa difícil, mas necessária.

Quem se atreve a ela?

Solimão Fagundes

## Concurso literário em QUARTEIRA

(Continuação da 1.ª página)

quais devem obedecer às condições que serão fornecidas aos interessados pela Junta do Turismo, para esta letra melhor ser musicada.

As provas poéticas devem ser enviadas para a Junta até ao dia 27 do corrente mês, com pseudónimo, que será identificado num segundo envelope lacrado.

Numa festa que se realizará na E. planada da Junta no dia 31 de Agosto será atribuído o prémio literário.

A prova musical será entregue, em parte de piano, também sob pseudónimo, até ao dia 12 de Setembro seguinte, e o respectivo prémio será atribuído oportunamente, se o júri o achar digno de tal.

## Divida de gratidão

(Continuação da 1.ª página)

ja atribuída tanta distinção, prometemos, tanto quanto possamos, referir-nos já a tão justa homenagem àquele que passou a sua vida entre o povo louletano, sempre carinhoso, aquele que não foi só o seu talento que lhe deu a glória e a reputação que circunda o seu nome, a sua obra, a sua solicitude, a sua bondade partilhada por todos que dele precisaram neste imenso mar que se chama a vida.

Há precisamente um ano que, na «A Voz de Loulé», se lançou a ideia de, por subscrição pública, erigir um monumento, em Loulé, a fim de consagrar a gratidão deste povo a tão ilustre homem, ao grande médico, grande entre os grandes médicos, passou aqui uma vida de trabalho exaustivo, com estatura intelectual para aspirar a um grande meio populacional, onde o seu talento médico podesse revelar-se ainda mais, preferiu a tudo isso, passar a sua vida entre o povo louletano que ainda não cumpriu com o seu dever de gratidão: esqueceu-se...

Diz o «Século» no seu conceituoso editorial de 9 de corrente que, «a gratidão nem sempre é sentimento a aflorar espontaneamente no coração dos indivíduos e na consciência dos povos». «Uns fazem dela uma virtude; outros regateiam-na, outros ainda exteriorizam-na com restrições conforme as circunstâncias lho impoem».

Mas, quando a história serena e imparcial o apreciar, despreocupada e justa, havemos de compreender quanto foi dura a sua perda, por isso, antes da História o julgar, todos nós louletanos, cumpramos sem mais delongas o nosso dever de reconhecimento para com a memória do Dr. Bernardo Lopes, cuja figura se avulta cada vez mais nos que o admiraram, no meio em que viveu e trabalhou.

Não se veja nas nossas palavras adulações, há o reconhecimento, há a obrigação de uma homenagem tão merecida como sincera ao ilustre morto por quem a nossa saúde nos leva a espalhar sentimentamente a flor do mesmo nome — a roxa saudade, regada com as lágrimas do amigo dos tempos de estudante liceal e universitário.

Não há ninguém que não saiba, toda a gente sabe que a honra de um povo, duma terra, é feita da honra pessoal dos seus filhos e dos seus sentimentos. O louletano é sentimental, é agradecido, por isso irá já inscrever-se nas listas dos donativos para custear as despesas com o monumento a erigir, em memória daquele que deu o melhor da sua vida em benefício do seu semelhante, dos que precisaram da sua dedicação e competência de médico competentíssimo, do pai dos pobres.

Ao terminar fazemos lembrar sua acção benéfica, que é de hontem apenas e que o tornou credor da gratidão louletana! Recordar a sua grande obra clínica, que a morte interrompeu, e que o tempo faz esquecer, não conseguirá esquecê-la, porque ele e a sua obra estarão sempre na memória de todos os louletanos, de todos que dele precisaram nas suas horas de aflição.

Ao terminar fazemos lembrar a oferta do nosso filho para a execução gratuita da maquete do monumento, a expor na Vila, até à conclusão do mesmo, em local a escolher pela Comissão encarregada de tão justa homenagem ao Dr. Bernardo Lopes, glória da medicina, a grande figura que se impoz por si própria.

Justiça, louletanos... Para a frente...

Augusto Bolotinha

## EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que **Adelino Gonçalves Matos Lima** requereu licença para instalar uma oficina de fabrico de vassouras com câmara de branqueamento pelo anidrido sulfuroso, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de etanagens nocivas, situada na Rua de Nossa Senhora da Piedade, n.º 56, 58 e 60, freguesia de S. Sebastião, concelho de Loulé, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2, (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 8 de Agosto de 1957.

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição  
João A. da Silva Graça Martins

## Empregada

Para estabelecimento comercial, precisa-se.

Nesta redacção se informa

## Gratidão

José Maria da Piedade Barros, cumprindo um dever de gratidão, vem por intermédio do presente, exteriorizar os seus agradecimentos ao eminente cirurgião Ex.º Sr. Doutor João Manuel Bastos, distinto Director dos Serviços de Urologia do Hospital do Desterro, pela forma conscienciosa e devotada como o operou, livrando-o de futuras complicações.

Sem pretender ferir-lhe a modéstia, não quer, no entanto, deixar de publicamente manifestar o seu reconhecimento pelas atenções dispensadas, já que quanto à indiscutível competência profissional, o hábil operador diz entender que se limitou a «cumprir a sua obrigação de médico».

Aproveita ainda a oportunidade para agradecer a todas as pessoas amigas e de suas relações o interesse que directa e indirectamente manifestaram pelo seu estado de saúde e os votos de restabelecimento formulados.

## YOGOURT

Medicamento - alimento de extraordinárias propriedades nutritivas e medicinais

Fabricado com o máximo esmero pela  
COOPERATIVA ACRÍCOLA DOS PRODUTORES DE LEITE DE TAVIRA

À venda em LOULÉ na

«Sorvetaria Faz-tudo»

PRAÇA DA REPÚBLICA, 27